

As causas da crise monetária na Europa*

Karl Marx

Londres, 14 de outubro de 1856

A crise monetária na Alemanha, que começou por volta de setembro passado, atingiu seu clímax no dia 26 daquele mês, quando ela gradualmente diminuiu, como o pânico monetário na Inglaterra em 1847, que primeiro se manifestou nos últimos dias de abril e gradualmente desapareceu após 4 de maio, o dia do seu ápice. Então, os sacrifícios feitos por várias das principais casas em Londres, em função da pausa durante o pânico, colocou o alicerce imediato da completa ruína na qual eles foram envolvidos poucos meses mais tarde. Resultados similares serão, em breve, experimentados na Alemanha, uma vez que na base do pânico não havia escassez de moeda, mas a desproporção entre o capital disponível e a vastidão dos empreendimentos industriais, comerciais e especulativos então à mão. Os meios pelos quais o pânico foi temporariamente dominado foram a alta da taxa de juros pelos diferentes governos, bancos privados e pelas sociedades anônimas; alguns deles aumentando a sua taxa para 6%, outros ainda para 9%. Consequentemente após esse aumento da taxa de juros, o fluxo de metal precioso foi controlado, a importação de produtos estrangeiros paralisada, o capital estrangeiro atraído pelos juros elevados, dívidas pendentes foram cobradas, o *Crédit Mobilier* francês, que no mês anterior tinha pago por endossos em favor de suas prestações sobre as estradas de ferro alemãs por ela contratadas, foi forçado a pagar à vista, e a França, em geral, foi obrigada a pagar em espécie o saldo então devido por causa do trigo e provisões. O pânico monetário na Alemanha, dessa forma, repercutiu na França, onde imediatamente assumiu um aspecto mais ameaçador. O Banco da França, seguindo o caminho dos bancos alemães, aumentou a sua taxa de juro para 6% em adiantamento que, em 30 de setembro, levou a uma solicitação ao Banco da Inglaterra de um financiamento de mais de um milhão de libras esterlinas. Consequentemente em primeiro de outubro, o Banco da Inglaterra aumentou sua taxa de juro para 5%, sem mesmo esperar pela usual reunião da Junta de Diretores às quintas-feiras, um passo sem precedente desde o pânico

* Originalmente intitulado "The cause of the monetary crisis in Europe". Publicado pela primeira vez no New-York Daily Tribune, nº 4843, em 27/10/1856, como artigo de fundo; republicado no New-York Weekly Tribune, em 8/11/1856, sob o título de "O Futuro Colapso". Tradução de Paulo Barsotti. Revisão de Jair Pinheiro.

monetário de 1847. Não obstante este aumento de juros, o metal precioso continuou a fluir da caixa forte da rua Threadneedle¹ à razão de 40.000 libras ao dia, enquanto o Banco da França era obrigado a desfazer-se de 6.000.000 de francos em moeda diariamente, a Casa da Moeda emitindo apenas 3.000.000, dos quais apenas cerca de 120.000 francos eram de prata. Para contrabalançar a ação do Banco da França sobre a reserva de metal do Banco da Inglaterra, este último novamente aumentou sua taxa de juro cerca de uma semana depois para 6% para os títulos de 60 dias, e 7% para os títulos de longo prazo; e o Banco da França, em troca desta cortesia, emitiu em 6 de outubro um novo “ukase²”, pelo qual ele se recusava a descontar quaisquer títulos de data para além de 60 dias, e declarou que ele não adiantaria mais de 40% sobre a propriedade consolidada, e 20% sobre as ações de estradas de ferro, e que ele faria tais adiantamentos por apenas um mês. Entretanto, apesar destas medidas, o Banco da Inglaterra estava completamente incapaz de controlar o fluxo de metal para França, assim como o Banco da França de reduzir o pânico em Paris, ou a drenagem de espécie para outras partes do continente. A intensidade do pânico na França é atestada por uma queda de 1.680 francos (cotação de 29 de setembro) para 1.465 francos (6 de outubro) nas ações do *Crédit Mobilier*, uma queda de 215 francos em oito dias, desde então os maiores esforços foram incapazes de obter uma recuperação de mais de 15 francos até 9 de outubro. Não é necessário dizer que os fundos públicos caíram nesta mesma proporção. Há apenas algo mais ridículo do que as lamentações francesas sobre a evasão do seu capital para a Alemanha, após as garantias grandiloquentes que tivemos do Sr. Isaac Péreire, o grande fundador do *Crédit Mobilier*, que o capital francês foi presenteado com um caráter cosmopolita particular. No meio de todo este problema, o grande feiticeiro da França, Napoleão III, preparou sua panaceia. Ele proibiu a imprensa de falar da crise financeira; ele sugeriu através de gendarmes aos negociantes de moeda o expediente de remover de seus anúncios a oferta de ágio sobre a prata; e finalmente, ele inseriu no seu *Moniteur*, de 7 de outubro, em relatório endereçado a ele mesmo, através de seu próprio Ministro da Finança, afirmando que tudo estava certo, e que apenas a avaliação das coisas pelo povo estava errada. Infelizmente dois dias depois, surge de repente o Diretor do Banco com o seguinte relatório na sua avaliação mensal:

	Outubro	Setembro
Dinheiro em caixa.....	77.062.910	113.126.401
Dinheiro nas agências/sucursais.....	89.407.036	122.676.090
Títulos descontados.....	271.955.426	221.308.498
Títulos nas agências.....	239.623.602	217.829.320
Prêmio sobre ouro e prata.....	2.128.594	1.496.313

¹Rua onde se localiza o Banco da Inglaterra.

² Ver *Le Moniteur universel*, nº 280, de 6 outubro de 1836. Ed. (N.A.)

Em outras palavras, durante um mês o dinheiro disponível diminui em 69.332.545 francos, os descontos de títulos tinham crescido 72.441.210 francos, enquanto o prêmio sobre a compra de ouro e prata excede as cifras de setembro em 632.281 francos. Infelizmente, também, é o fato de que a armazenagem dos metais preciosos está agora alcançando um grau sem precedentes entre os franceses; e que os rumores de uma suspensão dos pagamentos à vista no Banco está diariamente ganhando terreno. A intervenção de Napoleão prova ser quase tão eficiente no mercado financeiro como sua intervenção nos distritos inundados pelas águas do Loire.

A atual crise na Europa é complicada pelo fato de que uma drenagem do metal precioso – o comum prenúncio de desastres comerciais – está entrelaçada com uma depreciação do ouro quando comparado com a prata. Independentemente das outras atividades comerciais e industriais, esta depreciação não poderia, contudo, induzir aqueles países, onde existe um duplo padrão de valor e onde ambos, ouro e prata, devem ser recebidos em pagamento de acordo com as proporções prescritas pela lei, mas provou ser falso pelos fatos econômicos, exportar sua prata para aqueles mercados onde o ouro é o padrão de valor, e onde o preço oficial da prata não se afasta do seu preço de mercado. Sendo esta a posição relativa da Inglaterra e da França, a prata deve naturalmente fluir da França para a Inglaterra, e o ouro da Inglaterra para a França, até que a prata como moeda corrente do último seja substituída pelo ouro. Por um lado, está claro que tal substituição para o meio usual de troca deve ser acompanhada com dificuldades temporárias, mas que essas dificuldades podem ser resolvidas, tanto tornando o ouro o padrão e tirando a prata de circulação, como tem sido feito, ou pela desmonetização do ouro e tornando a prata o único padrão, como foi feito na Holanda em 1851, e mais recentemente na Bélgica. Por outro lado é evidente que se não houvesse outra alternativa, exceto uma depreciação do ouro em relação à prata, a drenagem geral de prata de toda Europa e América teria se neutralizado e paralisado, porque a repentina liberação e retirada de circulação de tal volume de prata sem qualquer reserva particular para supri-las, certamente diminuiria o seu preço em relação ao ouro, o preço de mercado de qualquer mercadoria sendo determinado temporariamente pela proporção entre oferta e procura, e somente por uma média de anos pelo custo da produção. A desmonetização do ouro nos bancos holandeses e belgas poderia exercer, porém, uma influência muito débil sobre o valor da prata, uma vez que esta tinha sido o principal meio de troca naqueles países e, portanto, a mudança era muito mais de caráter legal do que econômico. Deve ser admitido, entretanto, que estas mudanças abrem um pequeno mercado para suprimento da prata e, dessa forma, aliviou um pequeno grau de embarço.

Nos últimos quatro ou cinco meses, a moeda em espécie no Banco Nacional da Áustria tem, é verdade, aumentado de \$20.000.000 para \$43.000.000, cujo total, não tendo ainda retornado à Áustria para pagamento à vista, está entesourado na caixa-forte do Banco. A principal parcela desse aumento de \$23.000.000 tem sido canalizada

de Paris e Alemanha para as estradas de ferro, compradas pelo *Crédit Mobilier*. Esta é certamente uma das causas que explicam a recente drenagem de prata, mas seria errôneo ver essas circunstâncias como responsável em qualquer instância pelo último fenômeno no mercado financeiro. Não deve ser esquecido que de 1848 a 1855, cento e cinco milhões em ouro têm sido lançados no mercado financeiro mundial pela produção da Califórnia e Austrália, excluída a produção da Rússia e de outras velhas fontes de suprimentos estabelecidos.

Destes cento e cinco milhões, os mais viscerais livre-cambistas consideram que cinquenta e dois milhões foram requisitados para crescimento do comércio moderno, como moeda corrente, reservas bancárias, metal precioso para pagamento de saldo ou correção de câmbio entre diferentes países, ou como artigos de luxo. Dos outros cinquenta e três milhões, eles consideram, e nós os vemos um pouco abaixo da marca, que esta quantia meramente substituiu outra similar de prata anteriormente em uso na América e na França – dez milhões na América e quarenta e três milhões na França. A maneira pela qual este deslocamento se desenvolveu, pode ser visto no Relatório Oficial da Alfândega sobre o movimento do ouro e da prata na França durante o ano de 1855:

Ouro Importado em 1855	Prata Importada em 1855
Lingotes.....£ 11.045.268	Lingotes.....£ 1.717.459
Moeda..... 4.306.887	Moeda..... 3.121.250
Total.....£ 15.352.155	Total.....£ 4.838.709
Ouro Exportado em 1855	Prata Exportada em 1855
Lingotes..... £ 203.544	Lingotes.....£ 3.067.229
Moeda..... 6.306.060	Moeda..... 9.783.345
Total..... £ 6.509.604	Total..... £ 12850.574
Saldo do Ouro	Saldo da Prata
Importado: £ 8.842.551	Exportada: £ 8.011.865

Ninguém, então, pode pretender que a liberação de uma quantidade tão grande de prata (53 milhões de libras esterlinas) seja responsável tanto pelo deslocamento na moeda da França e da América, ou pelo entesouramento do Banco da Áustria, ou por ambos. Tem sido legitimamente declarado que a prata, por não estar ameaçada como o ouro com uma diminuição no valor, os comerciantes italianos e do Oriente deram a ela uma preferência sobre outra moeda; que os árabes receberam e armazenaram grandes quantidades deste metal, e finalmente, que os negociantes franceses de cereais, em pagamento por suas compras no Mar Negro e no Mar Azof, preferiram retirar

a prata da França, onde ela mantém sua relação antiquada para o ouro, em vez do ouro, que mudou sua relação para com a prata, no sul da Rússia. Tomando todas essas causas juntas de drenagem da prata, não podemos avaliar a importância retirada por eles em mais do que quinze ou dezesseis milhões de esterlinas. A retirada da prata pela Guerra Oriental³ é tão absurdamente alegada pelos escritores econômicos, na imprensa inglesa, como uma outra razão especial desta drenagem, embora eles a tenham incluído na avaliação geral em 52 milhões de ouro absorvidos pelas exigências cada vez maiores do comércio moderno. Naturalmente, eles não podem jogar sobre os ombros da prata, o que eles já haviam jogado sobre os ombros do ouro. Há, então, além de todas essas influências especiais, uma atividade maior em funcionamento que explica a drenagem da prata, que é o comércio para a China e a Índia, que, de forma bastante curiosa, também constituiu a principal característica na grande crise de 1847. Nós voltaremos a esse assunto, uma vez que é importante estudar os precursores econômicos da crise que paira na Europa.

Nossos leitores entenderão que, qualquer que seja a causa temporária do pânico monetário e da drenagem do metal precioso que aparece como sua causa imediata, todos os elementos da reviravolta comercial e industrial estavam maduros na Europa e agravados na França, pelo fracasso da produção da seda, pelas deficiências da safra de vinho, pelas importações de grãos necessários devido ao fracasso parcial da colheita de 1855 e das inundações de 1856, e finalmente, pela escassez de habitação provocada em Paris pelos artifícios econômicos do Sr. Bonaparte. Para nós, o mero exame do manifesto financeiro de M. Magne, que publicamos no sábado, parece suficiente para justificar que, apesar do segundo Congresso de Paris agora reunido e apesar da questão de Nápoles, Napoleão III teria boa razão para congratular-se se o ano de 1857 caísse sobre a França com auspícios não piores do que os que acompanharam o ano de 1847, uma década antes.

³ Guerra da Crimeia, 1853-56.